



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

MAYARA BUENO EZEQUIEL

Reflexões sobre a caminhada do amor e a relação do amor crístico com o amor de si em Kierkegaard

Ouro Preto
2021

MAYARA BUENO EZEQUIEL

Reflexões sobre a caminhada do amor e a relação do amor crístico com o amor de si em Kierkegaard

Monografia apresentada ao curso de Filosofia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Guiomar de Grammont

Área de Conhecimento: Ciências Humanas -
Filosofia

Ouro Preto
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Mayara Bueno Ezequiel

Reflexões sobre a caminhada do amor e a relação do amor crístico com o amor de si em Kierkegaard

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia

Aprovada em 20 de abril de 2021

Membros da banca

Guiomar Maria de Grammont Machado de Araujo e Souza, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 23/04/2021



Documento assinado eletronicamente por **Guiomar Maria de Grammont Machado de A e Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2021, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0162810** e o código CRC **2F1E3682**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais tenho uma imensa gratidão pelo apoio incondicional e encorajamento que nunca me deixaram faltar. Minha mãe Raquel por me proporcionar acaento e calma nesse percurso de novos desafios longe de casa, por acreditar e apostar no meu sucesso mesmo quando todos os outros tentavam a convencer do contrário. Meu pai Juliano por nunca hesitar uma palavra amiga ou um colo, mesmo que distante, tornando meus dias mais leves, e também por se sacrificar em diversos momentos para me conceder a possibilidade de concretizar meus sonhos.

Também quero agradecer à UFOP e a todos os professores do curso de Filosofia pela elevada qualidade do ensino oferecido, em especial, Professora Marta Luzie, Professora Imaculada "Leka" Kangussú e à minha Professora orientadora, Guiomar de Grammont, pela condução valiosa desse trabalho e também pelos conselhos e críticas, que me incentivaram e foram de importante influencia nessa reta final.

À minha família, República Feitiço, e aos amigos de Ouro Preto e Ribeirão Preto pelo acolhimento e aconchego nessa fase, obrigada por todo o aprendizado, companheirismo e por toda convivência que possibilitou com que eu expandisse meus horizontes de ideias e mundo.

Agradeço ao Ruan Fernandes pelo apoio incondicional e por estar ao meu lado em diversas situações, em que suas palavras me trouxeram paz e me encaminharam mais pra perto da realidade.

Espero que eu consiga, através desse sutil agradecimento, demonstrar, pelo menos, um pouco do imenso amor e gratidão que sinto por todos que me acompanharam nessa jornada. Muito obrigada!

...uma pessoa tomada pelo amor está alterada, ou fica mudada; o amor é uma revolução, a mais profunda de todas, porém a mais feliz!

Kierkegaard

RESUMO

Este texto propõe a apresentação e investigação do conceito de amor em quatro categorias diferentes: *Eros*, *Philia*, *Ágape* e Crístico. A compreensão do conceito de *Eros* será realizada através da Mitologia Grega e das palavras de Platão. Será introduzida a amizade, *Philia*, e suas divisões, seguindo as brilhantes elucidações de Aristóteles na *Ética A Nicômaco*. Trataremos também do Amor *Ágape* percorrendo o contexto cristão e do amor Crístico, explorando o elogio feito por Kierkegaard n'As obras do amor. Durante a explicitação de cada um desses conceitos, será possível enxergar as diferenças na ideia de amor que cada um aborda. Também far-se-á a investigação que desencadeará em uma reflexão acerca da ideia do amor de si e de sua inclusão no conceito de amor crístico, proposto por Kierkegaard, com base no mandamento "ama a teu próximo, como amas a ti mesmo".

Palavras-chave: Amor. Filosofia grega. Amizade. Cristianismo. Kierkegaard.

ABSTRACT

This text proposes the presentation and investigation of the concept of love in four different categories: Eros, Philia, Ágape and "Crístico". The understanding of the concept of Eros will be accomplished through Greek Mythology and Plato's words. The Phília friendship and its divisions will be introduced following Aristotle's brilliant elucidations in Nicomachean Ethics. We will also deal with Amor Ágape through the Christian context and Christic love exploring the praise made by Kierkegaard in The Works of Love. During the explanation of each one of these concepts, it will be possible to see the differences in the idea of love that each one addresses. There will also be an investigation that will trigger a reflection on the idea of self-love and its inclusion in the concept of Christian love, proposed by Kierkegaard, based on the commandment "love your neighbor, as you love yourself".

Keywords: Love. Greek philosophy. Friendship. Christianity. Kierkegaard.

Introdução

Após o nascimento de uma pessoa há a imediata inserção dela na sociedade e, com isso, seu acolhimento, por um contexto histórico cultural pré-determinado, repleto de migalhas e vestígios do que o mundo e os seres humanos têm a oferecer. Quando se questiona sobre relações interpessoais entre as pessoas, não é preciso esforço para desaguar no conceito de "amor". O amor, além de ser um dos temas mais analisados mundo a fora, é também uma das categorias fundamentais da vida do ser humano, através da sua ânsia pelo convívio social. Enquanto seres que necessitam desse contato que o amor traz de uma maneira afetiva, restauradora e unificante, há também a procura por sanar inesgotáveis questões em torno da ideia misteriosa do que venha a ser o amor de verdade.

Por consequência, das inúmeras dúvidas perante algo que tem um poder tão magnífico sobre as pessoas, o presente artigo propõe apresentar algumas das faces do amor com o objetivo de suprimir lacunas, mesmo que poucas, que foram criadas no decorrer da procura por respostas cabais. Serão analisados conceitos como o de Eros, através da Mitologia Grega e da filosofia de Platão, em que se esboça o tão idealizado amor.

Por conseguinte, a exposição sobre o amor será banhada pelas reflexões de Aristóteles explicando a amizade dentro das exigências da *Philia*. No decorrer dessa caminhada, recorreremos ao amor *Ágape* na perspectiva dos escritos bíblicos, que se relaciona com o amor crístico tão elogiado por Kierkegaard, em sua reflexão sobre o amor de si.

Ainda que essa investigação seja um oceano do qual a última gota jamais se esvaziará, a busca pelo significado do amor genuíno, da amizade ou da aceitação do que se é, será sempre fervorosa e dolorida. Afinal, ao explorar o amor, nos depararemos com um mundo extraordinariamente desconhecido, seja ele interno ou externo a nós, e durante esse mergulho analisaremos as características das perspectivas aqui estudadas sobre o amor.

Sobre O banquete, Eros e suas facetas

Para se analisar o amor num âmbito mais completo é preciso iniciarmos o estudo a partir de um dos primeiros escritos que abordam o assunto, mais especificamente, O *banquete* de Platão (428/27 – 347 a.C.). Em “O banquete”, alguns atenienses haviam sido convocados por Ágaton para uma confraternização pela boa realização de sua primeira tragédia. No decorrer da comemoração, com a finalidade de evitar a embriaguez, Erixímaco propõe que cada um dos convidados presentes faça um elogio ao deus do Amor. Então, aqui, Eros volta a ser analisado de uma forma mais reflexiva e filosófica.

O primeiro a discursar sobre o Amor é Fedro. Fedro discursa sobre Eros exaltando sua origem: argumenta através de Hesíodo, com a Teogonia e "diversas fontes que homologam a antiguidade de Eros" (178c). Destaca que o deus do Amor foi um dos deuses mais antigos além de ser responsável pelas belas virtudes e maiores boas ações dos homens. A partir do Amor, os homens devem gerir, se estiverem dispostos, suas vidas de forma bela e nobre. Ele se refere ao sentimento de repulsa por ações vergonhosas, que leva a evitá-las, e de felicidade, ao presenciar ou efetuar algo que manifeste a beleza: "Baseado no exposto, afirmo que Eros é o mais antigo dos deuses, o mais honrado, o mais poderoso para levar os homens à virtude e à felicidade nesta vida e depois da morte" (PLATÃO, 2009, p. 180b).

A segunda narrativa foi realizada por Pausânias, que explica sobre os dois tipos fundamentais de Eros, que claramente estão ligados a Afrodite, *pois não existe Afrodite sem Eros* (PLATÃO, 2009, p. 180d): o celestial e o pandêmico. O Eros pandêmico é provindo de Ouranos e é vivido por mulheres e jovens inferiores (de conhecimento e virtude). Já o Eros celestial teve seu nascimento de Zeus e Dione, é o amor inseparável de Afrodite, é voltado para a relação (muito comum na Grécia Antiga) entre um jovem e seu mestre, acreditava-se que essa relação sexual traria benefício intelectual para ambos, o homem sábio educaria e mostraria o caminho da virtude para seu mancebo.

Nessa dualidade é possível observar que existe um amor bom, um amor nobre que se volta para o objetivo de adquirir conhecimento e virtude através da relação, segundo Pausânias: "Sendo em favor da virtude, belo é tudo o que se faz e a qualquer preço. Esse é o Eros subordinado à Afrodite Urânia" (PLATÃO, 2009, p. 185b). E existe

um amor ruim, o tipo de amor vil, que visa apenas atos de prazer e gozo.

Em seguida, quem discursa é Erixímaco, que descreve Eros como o deus do Amor, o pacificador e harmonioso. Esse amor atua feito uma força universal, encontrada não somente nas almas dos homens, mas também na natureza e nos animais. Assim como Pausânias aceita a premissa da dualidade do amor, o médico apresenta os dois tipos de Eros que se dividem entre: o sadio e o mórbido. O Eros sadio habita um corpo saudável em busca do bem e do belo, enquanto o Eros mórbido mora num corpo doente dominado pelo exagero e erotismo. Em meio à disposição dos opostos, a concepção médica de Erixímaco atua de forma que o objetivo é "cultivar Eros e proporcionar cura" (PLATÃO, 2009, p. 188c). Essa cura é apresentada de diversas maneiras, a partir de exemplos da arte musical, onde a concordância acontece entre o grave e o agudo. Portanto, consiste na harmonia, no equilíbrio dos contrários, essa seria a cura de Eros, o poder do amor.

Como se percebe, o Eros universal (imenso, múltiplo) concentra em si todo o poder. Promove o bem, a moderação, a justiça na esfera humana e divina. Sendo dele o poder superior, em suas mãos está nosso bem-estar. Propicia forças para convivemos harmonicamente e para sermos amigos dos mais poderosos, os deuses (PLATÃO, 2009, p. 188d).

O discurso de Aristófanes refere-se ao mito sobre a origem da natureza humana acerca da história dos Andróginos. A narrativa descreve que no início da humanidade existiram três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino, o qual seria a junção dos dois gêneros anteriores. De acordo com o mito, os andróginos possuíam quatro mãos, quatro pés, dois órgãos genitais e uma cabeça. Por serem completos e vigorosos, um dia tentaram desafiar os deuses do Olimpo, mas fracassaram (PLATÃO, 2009, p. 190b-c). Zeus, furioso, decidiu castigá-los, assim foram cindidos e afastados de suas metades perfeitas, com as quais se sentiam completos. Com isso, cada metade tinha como objetivo juntar-se novamente com sua outra parte, daí surgiu a busca do amor entre os homens. O amor seria essa procura desesperada pelo que falta, desse espaço vazio deixado nos seres que buscam se reencontrarem.

Eros, que atrai um ao outro, está implantado nos homens desde então para restaurar a antiga natureza, faz de dois um só e alivia as dores da natureza humana. Cada um de nós é, portanto, a metade complementar de outro (um símbolo). Somos como uma das partes de um linguado cortado ao meio, dois formando um. Cada qual anda à procura de seu próprio complemento (PLATÃO, 2009, p. 191d).

Esse amor que Eros torna possível nos homens é um sentimento que visa o interesse particular daquele que ama, esse interesse gira em torno da posse e projeção das ausências interiores e anteriores. O homem vê no outro a possibilidade de encontrar a si mesmo, de se reconectar com a sua parte perdida - mesmo sem saber como e por que esse sentimento de busca permanece tão intenso e insistente.

Assim explica o dramaturgo: "Um não saberia dizer o que espera do outro. Ninguém diria que a causa disso é a camaradagem afrodisíaca. Seria essa a razão do prazer intenso que o convívio lhes traz?" (PLATÃO, 2009, p. 192c). O sentimento, além de insistente, leva o amante a projetar no outro seus vários anseios, medos, expectativas, esperando ansiosamente que o amado o preencha e o cure dos buracos latentes que ecoam tão alto. Portanto, segundo Aristófanes, somente o deus do Amor pode proporcionar o caminho para a felicidade, que acontece no processo de busca incessante pela reconexão consigo mesmo, no outro.

Se queremos enaltecer a divindade que nos traz alegria, nosso louvar se elevará com justiça à Eros. Devemos a ele no momento os maiores benefícios. Quem nos conduz ao que nos pertence é ele, acenando com luminosas esperanças futuras (PLATÃO, 2009, p. 193c-d).

Ágaton é o quinto a prestar suas condolências ao deus do Amor, ele propõe a busca pela real essência de Eros e não apenas por seus feitos destinados aos homens, "afinal, esta parece-me ser a maneira justa de elogiar Eros: primeiro sua natureza; depois seus dons" (PLATÃO, 2009, p. 195a). Sua introdução descreve Eros como o deus mais belo dentre todos, por ser belo costuma *viver e conviver com jovens* (PLATÃO, 2009, p. 195b) e além de ter o hábito de fugir da velhice faz sua morada nos lugares mais harmoniosos existentes.

Os lugares harmoniosos são os corações e almas mais doces e nobres, sejam de mortais ou dos deuses divinos, basta que sejam brandos e bondosos. O discurso do anfitrião expõe o Amor como um deus perfeito e criador de tudo que é grandioso. Eros é composto por diversas virtudes, dentre elas: temperança, justiça, virilidade e beleza. Logo, como *o semelhante ao semelhante busca* (195b) e o amor é belo, sua busca é feita essencialmente por boas ações e relações com o mundo, os homens e os deuses. "Como se vê, ele busca o belo e repele o desprezível" (PLATÃO, 2009, p. 197b).

É chegada a vez da apresentação dos Elogios a Eros por Sócrates. Ele inicia sua

fala com ironia diante das questões alcançadas pelo discurso de Ágaton (através da dialética). Dando sequência às pequenas conclusões que ocorreram durante a conversa de Sócrates com Ágaton, o filósofo começa contando sobre o diálogo que teve em outra ocasião com Diotima. Explica que ela lhe ensinou tudo que sabe sobre o amor e suas facetas. Na concepção da sábia Diotima, Eros habita em um ambiente intermediário, não é nem homem, nem deus. Denomina-o de *Daimon*, que seria como que uma conexão entre o mundo dos deuses e o mundo dos mortais:

— Ele é intérprete e mensageiro. Leva aos deuses assuntos humanos e traz aos homens intruções divinas. Leva preces e sacrifícios, traz ordens e respostas a sacrifícios. Estando no meio, ele completa uns e outros. Sendo assim achega o todo a si mesmo (PLATÃO, 2009, p. 202e).

Eros foi concebido no mesmo dia do nascimento de Afrodite, por isso também eram considerados próximos: "O motivo de Eros tornar-se companheiro e serviçal de Afrodite foi esse, ter sido engendrado durante os festejos natalícios dela" (PLATÃO, 2009, p. 203c). Durante a comemoração, Poros, embriagado de néctar, acabou adormecendo no jardim de Zeus. Penia, que não havia sido convidada, infiltrou-se na festa e usou a situação de Poros a seu favor, deitou ao lado de Poros e acabou satisfazendo sua vontade de conceber um filho dele, portanto, dessa oscilação entre a miséria e o recurso nasceu Eros, que busca e vive eternamente mediante a sabedoria e a beleza. Segundo Diotima: "Eros é desejo voltado ao belo. Já que o filósofo ocupa um lugar entre o saber e a ignorância, é imprescindível que Eros seja filósofo" (PLATÃO, 2009, p. 204a).

O deus Eros é a busca pelo amor do belo, então, *a sua meta é a procriação, a geração no belo* (206d). Diotima explica que os homens só serão capazes de viver o "amor" se o praticarem corretamente. O que seria praticar o amor de forma adequada? Para que o homem possa seguir seu caminho visando o amor corretamente, ele deve guiar-se sempre, buscando através da beleza o conhecimento, assim estará criando e perpetuando o belo.

Essa procriação do belo pode acontecer através de uma união heterossexual com o nascimento de uma criança. Portanto, com a chegada dessa criança o amor sensível é passado de geração a geração, suprimindo o desejo de imortalidade que pulsa em Eros, *porque procriar é como o permanente, o imortal no mortal* (PLATÃO, 2009, p. 206d-e). Assim como é possível fecundar o bom pelo corpo, os homens intelectuais, que também

aspiram a imortalidade do belo pela psiquê, expressam-na através de suas virtudes, "a essa categoria pertencem todos os poetas, todos os criadores, todos os artesãos, todos os que se presumem inventivos" (PLATÃO, 2009, p. 209a). Eros, portanto, é compreendido em sua busca pelo desejo do que falta. Essa busca parte dos corpos sensíveis, passa pela alma, pelas leis, normas, conhecimento e continuará, até enxergar o amor do que é belo em absoluto: "O belo se revelará em si mesmo, por si mesmo, sempre uniforme, ao passo que todos os corpos belos participam dele de tal maneira que nascimentos e mortes nada lhe aumentam nem diminuem, em nada o afetam" (PLATÃO, 2009, p. 211b).

Alcibíades que não estava presente na comemoração adentra o salão e parabeniza Ágaton por sua "vitória" a respeito da Tragédia. Erixímaco logo explica os discursos a Eros e sugere que Alcibíades também participe. No decorrer do elogio que deveria ser direcionado ao deus do Amor, acaba demonstrando sua admiração por Sócrates. Ele inicia uma comparação de Sócrates aos semideuses, exaltando que, mesmo tendo uma carcaça desprovida de beleza (física), em seu interior era um homem extremamente "divino" que encantava e seduzia a todos com suas sábias palavras e pensamentos.

Mas quando tu falas ou quando um outro reproduz palavras tuas, ainda que o expositor não seja grande coisa, empolgamo-nos aturdidos, seja mulher, homem ou garoto [...]. Quando o escuto, pulsa-me o coração, as lágrimas jorram, tal é a força das palavras dele (PLATÃO, 2009, p. 215d-e).

O jovem Alcibíades, ainda embriagado, deixa evidente para todos sua paixão por Sócrates. Ele manifesta em seu discurso o grande sofrimento que guarda no peito por ser rejeitado pelo filósofo, assim como outros jovens também foram, "Não fui a única vítima" (PLATÃO, 2009, p. 222b). Apesar de tentar manter o elogio a Eros, a cada palavra proferida, Alcibíades só reafirma o seu amor desconfiado e imediatista, que lhe causa ciúmes e angústia pelo desejo da reciprocidade (PLATÃO, 2009, p. 218c-d). O diálogo de Alcibíades revela a proximidade de um homem jovem com o amor, deste modo nos possibilita enxergar as perspectivas e crenças ali anunciadas. Quase é possível ouvir a súplica feita pela demonstração desse amor, que é um amor complexo, exagerado, enciumado, que deseja ser desejado.

Ao fim desses sete discursos fica claro que a abordagem sobre o Amor é vasta e

detém uma complexidade muito grande. Eros, ou como preferem chamá-lo, o deus do Amor, por ser um amor que partilha de diversas facetas, discursos, diálogos e que traz tantas interpretações e questões para a sociedade, é considerado de extrema importância e influência para os admiradores que buscam decifrá-lo. O amor apaixonado, o amor pela falta, o amor intermediário, o amor que é belo por si só, são alguns dos infindáveis questionamentos para direcionar a vida de uma pessoa que quer seguir amando o outro e a si mesmo.

Phília: o amor da amizade

Depois de Eros, entre a mitologia, os escritos e os diálogos gregos, beberemos na fonte de Aristóteles para explicar o amor da amizade: a *phília*. No livro VIII da *Ética À Nicômaco* há espécies de amizades e divisões para classificar cada uma delas. Isso é o que será explicado a seguir: Aristóteles propõe o conceito de *philia* como uma função essencial para as relações humanas e as denomina de amizade. Apesar de não incluir necessariamente o vínculo sexual, essa amizade pode ser compreendida como uma relação de amor, o amor pelo amigo. A *phília* é importante para o bem viver de uma sociedade, para unir os homens e é muito necessária para a vida humana, aliás, faz parte da natureza do homem: vem inata a seu ser "Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens" (ARISTÓTELES, EN, VIII, p. 170, 3).

Existem três tipos de amizades que têm consigo três razões para amar: o homem ama o agradável, o bom e o útil. A amizade só pode acontecer se ambos estão cientes de que são amigos, deve ocorrer entre seres animados (não é possível querer o bem de uma taça de vinho) (ARISTÓTELES, EN, VIII, p. 172, 15) e precisa ser uma relação recíproca.

Ora, as pessoas amam por três razões. Para o amor dos objetos inanimados não usamos a palavra "amizade", pois não se trata de amor mútuo, nem um deseja bem ao outro (seria, com efeito, ridículo se desejássemos bem ao vinho; se algo lhe desejamos é que se conserve, para que continuemos dispondo dele); no tocante aos amigos, porém, diz-se que devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade (ARISTÓTELES, EN, VIII, p. 172, 13-19).

Inicialmente são introduzidas duas dessas espécies de amizades: são amizades

imperfeitas e chamadas de acidentais aquelas voltadas à propósitos particulares e, ousando dizer, egoístas, afinal, visam o benefício pessoal. A primeira dentre as amizades imperfeitas seria a relação que tem seu interesse na utilidade, essa amizade só se dá através do bem (útil) que o outro causará à mim. Ou seja, A é amigo de B porque B propicia algo de útil em benefício de A. No segundo caso, a amizade acidental tem seu vínculo na relação voltada para o prazer que recebe, é a amizade pelo prazer. Essa relação acontece porque o amigo causa no outro uma sensação agradável, prazerosa. Logo,

[...] os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro. Idêntica coisa se pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis (ARISTÓTELES, EN, VIII, p.173, 6-9).

Essas duas relações são facilmente dissolvidas, porque quando o prazer muda e quando a utilidade acaba, fica difícil sustentar o vínculo sem algo para se apoiar, sem receber o que lhe era agradável. Ocorre uma confusão quando, ao se tentar compreender as três espécies de amizades, a utilidade e o caráter agradável são tratados como o bem, quando na verdade Aristóteles esclarece que são formas tendenciosas e impulsivas. Uma amizade acidental não se encaixa no aspecto nem nas características da terceira amizade, a amizade segundo a virtude (ARISTÓTELES, EN, VIII, p. 173).

A amizade segundo a virtude seria, para Aristóteles, a amizade perfeita. Essa se expressaria pelos homens bons e virtuosos que estão dispostos a construir vínculos com seus semelhantes. A amizade-philía está dentro de todos os requisitos que estão propostos para que seja possível o surgimento dessa conexão afetiva, ou seja, a amizade acontece entre homens que têm o caráter virtuoso.

Enquanto virtuoso, ama-se o amigo e deseja-se apenas o bem querer do mesmo (ARISTÓTELES, EN, VIII, p. 174). Há, entre os envolvidos, o conhecimento e consentimento desta relação e é de sua reciprocidade pelo ser (necessariamente) animado que deve visar sempre o bem querer em prol do outro e não em benefício de si próprio. Além desses critérios é importante compreender que está contida nessa amizade também a necessidade da convivência dos amigos, porque "A distância não rompe a amizade em absoluto, mas apenas a sua atividade. Todavia, se a ausência dura muito

tempo, parece realmente fazer com que os homens esqueçam a sua amizade" ; e a importância da igualdade entre eles. Afinal, esta amizade só pode ser caracterizada como "perfeita" se ocorrer entre duas pessoas genuinamente boas. Logo, através do cumprimento dessas exigências, pode-se alcançar o surgimento dessa amizade perfeita (ARISTÓTELES, EN, VIII).

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes (ARISTÓTELES, EN, VIII, p.174, 39-48).

Ainda que esse amor-amizade legítimos sejam plausíveis, Aristóteles nos alerta sobre sua raridade, porque são conexões exclusivamente de homens virtuosos. A existência de pessoas do bem é limitada, logo, é natural que tais amizades não sejam muito frequentes, dada a ambição do homem em tirar vantagem de toda e qualquer relação (amizade útil e amizade prazerosa) (ARISTÓTELES, EN, VIII).

Em suma, através da apresentação e caracterização das três formas de *Philia* e suas maneiras de emergir no mundo pessoal e social, é possível voltar o olhar para o amor e a amizade como uma questão acima da intuição ou impulsividade que são diariamente expressas por sentimentos momentâneos. O amor-amizade pode ser algo permanente, apesar de raro, que surge da disposição do ser humano, ou seja, da ação que o homem tem em estar disposto a escolher o amor e vivê-lo da maneira mais real e digna, voltada ao bem verdadeiro do outro.

Amor Ágape e o mandamento

Para tentar compreender um pouco mais sobre o amor, usaremos a teologia, mais especificamente os escritos cristãos que estão no Novo Testamento. O amor é demonstrado em diversas passagens desses escritos, mas, antes de mais nada, é preciso contextualizar qual amor será aqui retratado: o amor *Ágape*. *Ágape* tem sua

origem em uma palavra grega muito utilizada pelos cristãos no Novo Testamento, com a definição direcionada aos termos amor e caridade.

O amor *ágape* passou a ser retratado como um amor incondicional que detém uma profundidade imensurável e divina que Deus proporcionou aos homens. Das suas diversas conotações, esse amor é considerado um sentimento elevado de extrema importância na vida de uma pessoa que queira amar e se tornar devota a Deus. Essa dádiva que nos foi concedida por Ele vem como um ensinamento de muita relevância a ser seguido.

E como seguir esse ensinamento? Deus ordena ao ser humano que esse amor de entrega e que tanto se doa seja compartilhado com seus próximos e consigo mesmo. Esse compartilhamento requer que o homem ame, e que esse amor venha a ser um dever por toda sua eternidade (BÍBLIA SAGRADA, N.T., 1987). Então, junto com todo esse amor, Deus formulou uma lei fundamental a ser cumprida por aqueles que almejam a devoção e união de sua vida com a d'Ele. O mandamento é apresentado em uma passagem no diálogo entre Jesus e um dos fariseus, mais especificamente, o fariseu doutor da lei:

Mestre, qual é o grande mandamento da lei? Jesus disse-lhe: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma", de todo o teu espírito. Este é o máximo e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Destes dois mandamentos depende toda lei e os profetas (Mt, 22, 36-40).

É preciso esclarecer que esse amor tão grandioso, advindo de Deus, só é possível porque *Ele nos amou primeiro* (1Jo 4:19). Em consequência do fato de Deus ter capacitado o homem a amar, é necessário cumprir com os mandamentos propostos: o primeiro mandamento, que consiste em amar a Deus, faz a demanda primordial para que o ser humano direcione o amor genuíno a Deus acima de qualquer coisa e independente de qualquer circunstância. Está contida nessa lei a disposição do homem em mudar seus hábitos, posturas e escolhas, vivendo fielmente seu amor incondicional à Cristo.

O segundo mandamento, tão importante quanto o anterior, determina que se deve amar ao próximo como a si mesmo. Somente a pessoa que entende que *o próximo é* qualquer outra pessoa fora de si mesmo, seja ele um desconhecido, inimigo, mendigo, não importa quem. Todos, para além de si, guardam a característica de ser o outro. Essa prática (do amor) deve ser exercida em forma de obediência a Deus, portanto, é

imprescindível que *amemos uns aos outros*, independentemente de qualquer pré-conceito em relação ao próximo (amado) (BÍBLIA SAGRADA, N.T., 1987).

Em uma passagem do Novo Testamento, João expõe sua indignação e informa como pode vir a ser tendencioso amar a Deus e não amar a seu irmão (1Jo 4:20, 21). Isso significa que o amor *ágape* não pode ser apenas o desejo de amar voltado para o simples fato de gostar ou não do outro. Quando a relação acontece com o Amor e Deus, o mandamento torna-se simples: Tu "deves" amar ao próximo. Aqui, portanto, a exigência se expressa: porque antes do amor ser "sentimento", ele é uma obrigatoriedade que requer obediência. Desse modo, essa norma implica na necessidade de abolir qualquer tipo de predileção para com o próximo, ou seja, amar quem lhe convém é uma falsa concepção de amor cristão.

Se alguém disser: - eu amo a Deus - e odiar o seu irmão, é mentiroso. Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê? Temos de Deus este mandamento: que aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão (1Jo 4:20, 21).

O caminho para o amor anda na mesma via que nos instrui a uma vida consciente vinculada ao Senhor. O dever é a condição que transforma o homem, ou seja, é o que transforma o ato de amar em um ato de escolha consciente e voluntária. O homem que toma a decisão de amar a Deus e cumprir os mandamentos deixará de lado os interesses pessoais e as características corrosivas (humanas), para assumir ações em prol de sua devoção (BÍBLIA SAGRADA, N.T., 1987), quando o indivíduo deixa de lado seus interesses, extravagâncias e abandona a ideia de amar pela beleza, pelo que é mais "amável" ou pelo que lhe oferece benefício. Aí encontramos o amor sacrificial, que se desprende, através da força de vontade, das suas satisfações humanas mais enraizadas. No Evangelho de Lucas, capítulo 10, versículo 25, há uma passagem esclarecedora sobre amar uns aos outros, independente de quem seja seu próximo. Grande exemplo de misericórdia e sacrifício:

Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: "Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?" "O que está escrito na Lei?", respondeu Jesus. "Como você a lê?" Ele respondeu: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento'[a] e 'Ame o seu próximo como a si mesmo'[b]". Disse Jesus: "Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá". Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?" Em resposta, disse Jesus: "Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se

foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários[c] ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver'. "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: "Vá e faça o mesmo" (Lc 10:25-37).

Assim, quando o amor *Ágape* for introduzido em algum contexto há a necessidade de pensá-lo em suas virtudes e com a bagagem das diversas renúncias mundanas deixadas por ele. O processo de conquista desse amor deve estar em paz com a decisão do homem de abdicar de suas vontades, levando em consideração apenas o amor genuíno e fiel. A partir do momento em que o homem estiver disposto a passar por esse caminho que é amar (*ágape*) deverá compreender que isto requer fé, caridade, autoabnegação e paciência.

Paulo ressalta essas virtudes em Coríntios *A caridade é paciente, é benéfica; a caridade não é invejosa, não é temerária; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, folga com a verdade* (1Co 13:4-6). A fé e o amor andam de mãos dadas mesmo que o caminho seja por vezes doloroso, é também pleno na alegria de escolher pelo que amar, lutar e renunciar. De olhos vendados o homem crê. A fé aceita a mudança, o escárnio, a dúvida, a chacota e até mesmo a morte, porque é na eternidade que o amor prevalecerá (BÍBLIA SAGRADA, N.T., 1987).

Então se *o amor Ágape é Deus*, Deus proporciona aos homens o dom do seu amor. Enquanto o mandamento pelo amor não for uma decisão sincera, o ser humano viverá perdido na busca do contentamento do ser insaciável. Logo, esse contentamento só será preenchido quando o homem se permitir ter fé e amar, doando-se a uma vida devota a Deus, assim como Paulo crê em sua união a Jesus: *mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gálatas 2:20).

Levando em consideração que esse sentimento deve ser genuíno, pleno e sem interesses particulares, quando exercido, o indivíduo precisa estar focado e predisposto em praticar a completa abdição e doação, enxergando o "Tu" como um "Eu", mas

retirando de si todo egoísmo no qual estamos acostumados a replicar quando o pensamento insiste em retornar meramente ao prazer, desejo e bem pessoal. Viver e aceitar esse amor é aceitar a Deus e, portanto, finalmente perceber o próximo e a nós mesmos, não como merecedores, mas como devedores de um amor que Jesus tanto lutou para nos conceder. Desse modo, além de ser visto como um dever, a prática do *ágape* é uma dívida eterna com Ele e somente dessa maneira haverá para o homem a oportunidade de amar a Deus, o outro e a si verdadeiramente.

Amor Crístico e amor de si pelo olhar de Kierkegaard

Soren Kierkegaard foi um filósofo dinamarquês nascido em Copenhague no ano de 1813. Durante sua vida atuou na filosofia e teologia em busca de fundamentos do existencialismo e a respeito de várias questões da cultura cristã. Longe da filosofia Hegeliana que predominava em sua época¹, Kierkegaard expõe não só seu pensamento, mas também como vive a sua própria filosofia ao se afastar de sua amada em prol de pesquisar o amor em sua maneira mais autêntica possível.

Considerando seus ideais filosóficos expostos com base na liberdade do ser humano e a fé, será analisada sua concepção do amor através da elucidação de suas ideias contidas no livro *As obras do Amor*. A obra foi publicada em 1847 e é dividida em duas partes, as quais conduzem a uma leitura densa e sutil voltada para o Amor e suas "considerações cristãs em forma de discurso" (KIERKEGAARD, 2018).

Como se faz nítido, o conceito de amor Crístico é situado dentro dos fundamentos do cristianismo e, ao iniciar a leitura, o homem tem de aceitar a máxima cristã "ama a teu próximo, como ama a ti mesmo"². O amor cristão tem sua base no amor *ágape*, naquele sentimento elevado e incondicional que nos foi proposto por Deus.

Ao se aprofundar nessa concepção, Kierkegaard explica que a obediência do mandamento acontece quando o indivíduo decide livremente saltar através da fé para a dimensão do estágio ético religioso. Enquanto o amor natural ainda for vivido de forma

¹ Para uma explicação mais detalhada sobre a relação da filosofia de Hegel com Kierkegaard consultar Grammont (2003).

² "O amor *ágape* defendido por Kierkegaard (2005) obedece à máxima bíblica 'amai o teu próximo como a ti mesmo'" (MELLO; CEREZER, 2015, p. 56). Ela discorre também sobre aceitar a máxima cristã e o dever.

automática, o homem permanecerá no estado estético. O estágio estético não tem como assegurar o amor genuíno porque é um estágio encontrado na temporalidade e não na eternidade, portanto, esse amor que tantos poetas cantam, falam e idealizam não têm relação com o *ágape*. É uma paixão ardente e, muitas vezes, erótica (assim como *Eros*), que se modifica, se transforma e pode facilmente ser apagado.

Ao negligenciarmos nossas escolhas e a forma de sermos amorosos, estamos expressando esse sentimento através de simples incertezas, ataques de ciúmes e predileções que são capazes de nos angustiar por uma vida inteira. Essa angústia poderá levar a pessoa a investigar sua própria conduta e abrir seu mundo para a possibilidade do tão divino salto para o outro estágio ou poderá entristecê-la, estagnando sua vida na ignorância, em meio a meros atos que satisfaçam seus apetites.

A escritora e filósofa Guiomar de Grammont, em uma de suas obras a respeito das figuras estéticas em Kierkegaard, discorre sobre a possibilidade do salto do finito ao infinito que se dá através da crença. Essa fé não consiste em algo dogmático, um caminho fixo e já traçado dentro da eternidade, mas sim numa experiência individual de cada ser humano: “Toda experiência da fé é individual e única e deve ser vivida de modo a que o homem se assuma como protagonista de sua existência, porque só ele poderá viver a sua vida, ninguém mais” (GRAMMONT, 2003, p. 104).

Levando isso em consideração, o estágio ético religioso é compreendido nessa conexão proporcionada pela consciência do homem com Deus. Quando o indivíduo leva sua vida de maneira moralmente ético-social e começa a voltar seu olhar para uma análise mais profunda da existência, acaba descobrindo a necessidade de ultrapassar os limites humanos. Para que isso se torne possível, deve ocorrer o cumprimento pleno da lei divina que condiciona o homem a amar a Deus e amar ao próximo como a ti mesmo. O amor cristão é a condição de possibilidade para a existência do vínculo entre o estágio estético e ético religioso, o que torna o amor eterno e incondicional mais próximo do mundo terreno e temporal do ser humano:

Pois o que vincula o atemporal e a eternidade, o que é, se não amor, que justamente por isso, existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou. Mas justamente porque o amor é assim o vínculo da eternidade, e justamente porque a temporalidade e a eternidade são de natureza diferente, justamente por isso o amor pode parecer um fardo para a sagacidade terrena da temporalidade, e por isso na temporalidade pode parecer ao homem sensual um imenso alívio lançar para longe de si este vínculo da eternidade (KIERKEGAARD, 2018, p. 20).

Muitas pessoas se recusam a acreditar na existência do amor, afinal, pensar que o amor transcende a temporalidade é algo pesado demais para se carregar, diante de diversos pressupostos negativos sobre ele tomados pela sociedade contemporânea. Pensar nesse amor como conexão se torna áspero ao cogitar questões como: "Existe mesmo alguém disposto a seguir o dever e amar dessa maneira?". Manter em mente uma dúvida como a anterior é claramente uma característica da pessoa que vive num amor estético, e volto a enfatizar que essa paixão, inflamada pelo fervor imediato e fugaz no qual sempre se amará o amigo até o seu último suspiro, é um completo equívoco.

Como seria plausível acreditar em um amor que seleciona seu "único amor" ou diz à sua amada que é seu "eterno amor", quando o mandamento recusa exatamente essa atitude? O ser humano persiste em retornar a seus confortáveis vícios e costumes porque várias vezes não consegue enxergar razões para atravessar a ponte, em harmonia e paz com Deus. Esse é o amor de predileção, pois, quanto mais seletivo for, escolhendo o amado pelo benefício, beleza, atitude, mais distante o homem estará do amor cristão (KIERKEGAARD, 2018).

O filósofo explica que o amor só pode ser reconhecido pelos seus frutos. Há aqui uma pressuposição da existência do amor. Ele sempre esteve na eternidade, isto é, sempre foi conhecido. Ele é constante e atemporal, não há começo nem fim para algo que sempre existiu. Continuando, para uma melhor compreensão de como é possível conhecer os seus frutos, é preciso impor também que o amor de si do homem, existe: todo homem, em sociedade, carrega consigo e pratica o amor-próprio. Esse amor de si tem de estar em concordância com o amor de Deus, já que foi Ele quem deu ao indivíduo o dom de amar como Nos amou.

Portanto, quando o homem se reconhece dentro da lei, compreende e ama a si mesmo, ama a Deus e ao próximo, ele conseguirá enxergar o amor por seus frutos: "Esta vida oculta do amor, porém, é cognoscível pelos frutos, sim, e no amor existe uma necessidade de poder ser reconhecido nos frutos" (KIERKEGAARD, 2018, p. 24). Seus frutos vão além do superficial das palavras, dos gestos, mas também estão contidos nessas expressões se nelas houver o teor sincero e verdadeiro do mandamento. Seu amadurecimento é gradativo, logo, o indivíduo não pode focar sua existência no reconhecimento do amor, na busca pelo engano ou da ilusão, ele deve apenas amar

acima de qualquer circunstância e crer nesse amor (KIERKEGAARD, 2018).

O que seria esse engano e ilusão que o indivíduo tanto teme e não para de procurar? O medo de ser enganado se encontra ainda dentro do estado estético quando o homem, antes de amar ao próximo (que na maioria das vezes é alguém de sua escolha) se pergunta e investiga se haverá ali reciprocidade. Não há doação, nem sequer amor pleno da forma como é exigido, permanece ali uma dúvida que claramente é causada por nossas limitações mundanas que são acobertadas pelo ego, que busca suprir nossas necessidades humanas. Uma das coisas que impede o ser humano de transcender para o estado ético religioso é toda a carga interior que é guardada em si. Essa bagagem perigosa e limitante é encontrada em nossas memórias e até mesmo nos hábitos da vida infiel que levamos: no ato incorreto de amar a si mesmo, de amar o próximo mais do que a Deus, questionar a fidelidade, ao invés de só ser amoroso. Ou seja, a forma com que lidamos com nossas feridas, medos e vivências interfere diretamente nesse caminho devocional.

Recapitulando, no mandamento, Kierkegaard descreve que o cristianismo tira com um golpe só o egoísmo mundano atribuído ao amor, com uma simples palavra: o dever. Ao acrescentar a obrigação a esta norma universal e divina, o homem é submetido a abandonar seu caráter egoísta de predileção e benefício particular para finalmente conseguir enxergar o próximo,

Pois é o amor cristão que descobre e sabe que o próximo existe e – o que dá no mesmo – que cada um é o próximo. Se amar não fosse um dever, também não haveria o conceito do próximo; mas só se extirpa o egoísmo da predileção e só se preserva a igualdade do eterno quando se ama o próximo (KIERKEGAARD, 2018, p. 63).

A partir do momento em que se compreende quem é o seu próximo a predileção é deixada de lado para que o dever tome plena consciência do amor e passe a exercer a abnegação: "em contrapartida, amar ao próximo é o amor de abnegação, e a abnegação expulsa justamente toda predileção, assim como expulsa todo amor de si" (KIERKEGAARD, 2018, p. 75). Amar ao próximo não é uma lição fácil e muito menos sutil, há um tanto de sacrifício e abnegação para que isso se concretize.

Ao assumir a posição de um homem amoroso e devoto, aceitar e amar o outro é tão importante quanto amar a si mesmo, é aí que o indivíduo precisa conduzir sua conduta em benefício ao próximo, sem que isso resulte no desinteresse pessoal e

particular de suas vontades e ideais passados. Então o reconhecer o próximo é me entender como uma extensão do outro. O próximo é o *primeiro tu*, e essa relação fundamental que se inicia com amar a Deus acima de qualquer coisa me impulsiona a amar ao próximo: que sou eu, e a amar o outro próximo, ou seja, todas as outras pessoas. Contudo, é importante enxergar essa relação de triplicidade entre Deus, eu e o próximo.

Porque depois de revelar a luz sobre o próximo e a mim mesmo, respeitando assim a identidade individual de cada um de nós, reconhecendo-nos como conectados (não unificados) mas únicos e distinguindo o si mesmo no mundo longe do egoísmo, o homem estará motivado a ver nitidamente a relação de amor mútua sem recompensa e em direção à perpetuação do vínculo infinito com Deus. Sem Deus nunca haverá o amor: "Faz parte de uma relação de amor a triplicidade: o amante, o amado, o amor; mas o amor é Deus. E por isso, amar uma outra pessoa é ajudá-la a amar a Deus, e ser amado consiste em ser ajudado" (KIERKEGAARD, 2018, p. 146).

O amor crístico que o pensador dinamarquês propõe permanece a partir do momento em que o salto é dado. O homem há de amar a Deus, a si mesmo e ao próximo e isso não retrocederá. Quando o indivíduo se encontra finalmente no estado ético religioso, esse amor permanece constante, ele não se transforma, é a marca da eternidade dentro do finito mundano.

Essa é a diferença entre o amor natural e o amor *ágape*: o amor trivial é passível de transformação, ele pode se expressar de maneira exagerada e ansiosa, pode se transformar em ódio quando o amado não conseguir atingir a expectativa imposta, também se manifestará através da tristeza quando o amigo o abandonar ou simplesmente irá cair no esquecimento quando não for algo tão importante ou útil. Enquanto o amor ilimitado é completamente o oposto: o amor genuíno tudo aceita, espera e compreende, demonstra seus frutos, mas nunca perece porque sempre esteve ali aguardando para ser escolhido.

É feito um amor que não se modifica, não se apaga, ele é e permanece em constância eterna. Afinal, não é possível ser verdadeiramente amoroso e logo depois deixar de amar, quando o fogo se apaga e o solo torna-se infértil para o amor, ele passa a se encaixar na efemeridade temporal imposta pelo mundo e não faz parte do divino. Porque, para o divino, o amor sempre será possível, e no amor natural só estar

apaixonado basta.

Kierkegaard descreve que o homem que ama da maneira cristã "[...] permanece no amor, conserva a si mesmo no amor; justamente com isso ele faz com que seu amor em relação com os humanos permaneça" (KIERKEGAARD, 2018, p. 340). O amor não acaba, ele acolhe ao próximo independente de qualquer situação que venha a acontecer. Mesmo quando o outro não o ama mais, quando não houver mais zelo, quando o outro o trair.

O homem há de continuar amando o próximo porque é esse o seu dever, e se isso não for concretizado, poderemos enxergar aqui o amor pelo ego, o amor do instante e naturalmente exagerado (KIERKEGAARD, 2018). Enfim, o amor *ágape* é tão complexo quanto um homem pudera imaginar, quem diria que enxergar a si mesmo faria com que o próximo se tornasse nítido e relevante em uma humanidade consumida pelo narcisismo e egocentrismo. Portanto, uma vez que se torna pertinente considerar o acolhimento e a aceitação do amor como essa potência de altruísmo, se faz necessária uma breve reflexão e alguns questionamentos sobre como o amor de si é apontado na filosofia kierkegaardiana e cristã.

Então, por que se faz relevante a reflexão da visão do amor de si em Kierkegaard? Porque o amor de si é o estopim para todo o resto. Quando no amor *ágape*, que é onde Kierkegaard banha seus ideais, o Grande Mandamento é imposto por Jesus, pouco se percebe sobre o amor próprio, mas muito se espera dessa vivência no decorrer do caminho de cada ser humano. Ao se aceitar a máxima cristã na explicitação do amor crístico, o pensador se mostra conivente e obrigado diante da ideia de partir da premissa de que o amor de si existe em todo e qualquer indivíduo, para assim se amar ao próximo. Existe, ou pelo menos, deveria existir. É nessa pressuposição que o impasse acontece. Enquanto Kierkegaard passa parte de sua obra explicando que o amor de si deve ser praticado, também deixa claro que, quando o dever do mandamento é colocado como base obrigatória, o amor próprio é alcançado na medida certa em benefício mútuo. Ele discorda de filósofos que questionam o amor sem partir de algum referencial, diante disso, aceita e demonstra detalhadamente a premissa *de amar a si mesmo* no decorrer de sua obra:

Pois quando é dito "tu deves amar o teu próximo como a ti mesmo", aí está contido o que é pressuposto, ou seja, que todo ser humano ama a si mesmo. Isso

então é pressuposto pelo Cristianismo, o qual não faz de jeito nenhum, como aqueles pensadores de alto voo, que iniciam sem pressupostos, e nem tampouco com um pressuposto adulator (KIERKEGAARD, 2018, p. 32).

O que acontece é que na aplicação dessa lei no cotidiano temporal e humano, as ações se tornam um pouco mais turvas e inaplicáveis. Afinal, o homem entende a medida e a maneira harmoniosa de amar a si mesmo sem exagero ou indiferença? Qual seria a medida certa? Como é possível alcançá-la? Segundo o filósofo dinamarquês, "O semelhante só é conhecido pelo semelhante; só aquele que permanece no amor pode conhecer o amor do mesmo modo como seu amor deve ser conhecido" (KIERKEGAARD, 2018, p. 31). Será possível amar somente quando formos educados (por Deus e por nós mesmos) e entendermos a necessidade que impera no amor a si próprio. Caso contrário, o homem enxergará apenas a miséria que "aprendeu com outros errantes amando a si mesmo". Doará a miséria e também a aceitará por não conseguir compreender como é ser verdadeiramente amoroso.

A origem do problema não está em Kierkegaard, que busca sanar essa questão, mas sim nas diversas interpretações que ocorrem a partir do momento em que o pressuposto do amor de si é admitido. Acreditar que o amor próprio está sendo praticado corretamente sem antes ser explicado, por exemplo, na Bíblia, é aceitar de olhos fechados, assim como crer na fé. Mas a fé tem a Deus, e o amor próprio tem a quem? A sociedade, antes de pressupor o amor próprio, comete o equívoco de que amar a si mesmo não está diretamente ligado a amar a Deus, e é isso que Kierkegaard tenta explicar.

Pressupor essencialmente a existência do amor próprio, pode levar o indivíduo a entender que o homem compreende o amor sem enganos. E esse não é o fato. É preciso considerar que o amor próprio acontece com o indivíduo que é humano, e ser humano é ter falhas, lacunas, vícios, costumes, culturas e histórias. Admitir que todo homem ama a si mesmo não seria como rejeitar as características humanas e suas inclinações?

O amor de si pode vir a ser, mas sua investigação deve ocorrer para além de apenas se aceitar um pressuposto cristão. Afinal, se amar a si mesmo é uma das condições para o amor ao próximo, quem pode afirmar que o amor próprio vem sendo praticado de forma autêntica? O enfoque no desdobramento de ensinar ao homem o amor próprio deveria ser muito maior, pois é dali que o amor se ramifica e cria raízes.

Deus nos concedeu o dom para amar, mas se o homem não souber o que fazer e nem como fazer, não estaríamos tornando sua importância contestável? O que acontece se, na tentativa de compreender o amor próprio sem parâmetros mais nítidos, nos deixarmos dominar por nossas inclinações, sem buscar o aperfeiçoamento eterno? Todo o oposto ao amor: projeção, frustração, mesquinha e paixões ficam fadados ao fracasso.

De fato, amar a si mesmo requer muito mais investigação do que as práticas superficiais de autocuidado e também vai além da compreensão sobre o reconhecimento do próximo. Amar a si mesmo talvez seja o percurso mais significativo e peculiar quando o assunto a ser tratado seria aprender sobre o amor. Um caminho infundável pela busca da evolução humana através do autoconhecimento: conhecendo seus valores, aceitando suas dores, satisfazendo e não sendo dominado por seus interesses. Por isso a estrada até o Amor começa no amor próprio. E esse amor de si poderia ser construído e instruído com mais rigor, proporcionando a possibilidade do salto divino que levaria o amor genuíno por uma viagem um pouco menos perturbada e mais provável.

Considerações finais

Durante a elaboração do atual estudo se fez possível a investigação e reflexão filosófica sobre a história e cronologia do amor. Levando em consideração a leitura e análise aprofundada de autores imprescindíveis sobre o tema, houve o desenvolvimento e a explicação das diversas facetas com que o amor se apresenta e é questionado em meio a sociedade.

Primeiro apresentamos Eros, o deus do Amor, em meio aos diálogos de Platão e as mais distintas opiniões dos atenienses que naquele banquete estavam, Eros se caracteriza como o deus intermediário que é condicionado pelo desejo do que lhe falta. Nessa busca incansável pelo Belo e Bom, o amor perpassa por estágios sensíveis, como o desejo erótico, sendo também expresso através de normas e leis e sempre almejando pela imortalidade que não nos é proporcionada no mundo sensível, mas sim em perpetuação na alma, pretende encontrar o amor absoluto, o Belo absoluto.

Seguindo adiante, em Aristóteles há a explicação sobre as divisões para se caracterizar os três tipos de amizades. A *Philia*, que consiste nesse amor do amigo, se

fragmenta da seguinte maneira: pela utilidade, pelo prazer e virtude. As duas primeiras amizades são consideradas imperfeitas porque almejam benefícios pessoais conquistados pela exploração de seus amigos e/ou amados. Enquanto a terceira, que é apreciada como uma amizade perfeita, se manifesta por entre atos virtuosos trocados por indivíduos de Bem que visam o bem do outro.

Ainda na procura de reduzir as lacunas sobre o assunto, o amor acaba sendo investigado através de textos bíblicos, como no Novo Testamento. O amor *Ágape* vem à tona, compartilhando conosco o Grande Mandamento, que nos é apresentado como uma lei divina e universal a ser seguida. Através do cumprimento da lei, se o homem estiver disposto a escolher uma vida devota de renúncias e abdicação para com o amor, o dom de Deus tocará seu coração e o fará passível de amar. Com paciência, caridade e doação.

No entanto, quando passamos a discorrer sobre o Amor *Ágape* pelo viés de Kierkegaard, que nada mais seria do que o Amor Crístico, observamos ideias e pressuposições que antes não haviam sido elucidadas. O amor Crístico é capaz de proporcionar ao ser humano um salto para um estágio de consciência dentro de um aspecto ético e religioso. O homem que descobre e escolhe perpassar pelo estágio ético e religioso, deve carregar em sua bagagem a crença plena na fé, no amor e em Deus, que são uma única e só coisa.

Apesar da fé ser um ponto crucial para a possibilidade, o ser humano deve se manter em relação com Deus e amar plenamente através de sua decisão voluntária ao próximo, a si mesmo e a Deus. Assim, há diversas pressuposições para que o estudo do amor Crístico seja assim considerado e debatido: um deles seria a pressuposição da existência do amor de si mesmo. Apesar de Kierkegaard passar grande parte d'As obras do amor reforçando e explicitando maneiras pelas quais se torna possível a existência do amor próprio, ainda se encontram espaços vazios que nos fazem questionar se a prática desse amor é efetuada da forma com que Ele (Deus) a propõe. Trago com isso a reflexão sobre a relevância do amor próprio como um dos pontos primordiais para a expressão pessoal e social do amor genuíno.

Portanto, apresento, através dessa reflexão de que o amor próprio se faz o estopim para as outras manifestações de amor, o convite à busca. Não por findar possibilidades

do tema, mas sim à busca no caminhar lento e de maneira crítica, investigando em seu interior onde se encontra o desabrochar do amor próprio esperando para ser escolhido. Há aqui a necessidade de enxergar os seres humanos assim como realmente são, levando em consideração suas ausências e formas de procurar algo que as supram instintivamente no mundo temporal.

A capacidade humana de interpretação e reprodução pode ter um poder imenso e causar uma perspectiva totalmente equivocada perante a tentativa de ler os sinais de Deus e de seu amor. *Se a paixão é realmente a única solução para uma época em que a dúvida impera*, será mesmo que através da fé conseguiremos nos apaixonarmos por nós mesmos? (GRAMMONT, 2003).

Referências

- ALMEIDA, J. M. de. O amor crístico como fundamento da ética da alteridade em kierkegaard. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, v. 7, n. 1, p. 22, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9766/5345> Acesso em: 28 mar. 2021.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, 4).
- BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Matos Soares. São Paulo : Edição Paulinas, 1987.
- GRAMMONT, G. de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.
- KIERKEGAARD, S. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em formas de discursos*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KIERKEGAARD, S. A. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradução e apresentação de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis/Bragança Paulista: Editora Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2005. 431 p. Resenhado por PAULA, M. G. In: *Revista Filosofia Unisinos*, v. 6, n. 3, p. 366-368, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6377/3520>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- MELLO, P. L.; CERZER, C. O existir humano atravessado pelo amor: a filosofia do

eros em kierkegaard e bauman? uma leitura introdutória. *Revista Enciclopédia*, Pelotas, v. 4, p. 53-66, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Enciclopedia/article/view/8046>.
Acesso em: 17 fev. 2021.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução, notas e comentários de Donald Schuler. Porto Alegre: L&PM, 2019.